

Fernanda Arechavaleta

## “Como é o teu nome mesmo?”

JÁ SE FOI O TEMPO EM QUE TODOS SE CONHECIAM NA SALA DE AULA. ESPECIALISTAS DISCUTEM ATÉ QUE PONTO O INCHAÇO DAS TURMAS INFLUENCIA A QUALIDADE DOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO

**A** superlotação das salas de aula tem sido uma reclamação recorrente de muitos alunos de universidades e faculdades em todo o país - especialmente das particulares, acusadas de aceitar um número excessivo de matrículas para aumentar os lucros. Nas públicas, a falta de professores para dar conta da demanda crescente também resulta no inchaço das turmas. Trata-se de um problema que ganha maior dimensão dependendo do curso e da disciplina. Naquelas de caráter prático (fotografia, por exemplo), é inegável que a relação de alunos por equipamento tem consequências diretas no aprendizado. E em cursos como Administração, predominantemente teóricos, até que ponto a quantidade de alunos por turma influencia a qualidade do ensino?

Para avaliar as razões das universidades na adoção de turmas maiores ou menores, AMANHÃ conversou com reconhecidos especialistas em educação e com os coordenadores de quatro importantes cursos de graduação na área - da Universidade de Brasília (UnB), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), do Ibmec São



Paulo e da Escola Superior de Administração e Marketing do Rio Grande do Sul (ESPM/RS), sediada em Porto Alegre.

Na UnB, o curso de Administração limitou em 50 a quantidade de alunos em sala de aula. A faculdade chegou a esse número depois de experiências negativas com turmas de até 70 estudantes. A tentativa de atender à grande demanda por vagas, comum nas instituições públicas, gerava constantes reclamações de estudantes e professores, tanto no curso de Administração quanto nos demais. Isso obrigava a direção da UnB a oferecer, com frequência, mais vagas do que o número considerado ideal. "Seria perfeito não ter mais que 40 alunos por sala" afirma José Márcio Carvalho, coordenador da graduação em Administração da UnB. Ele ressalta, contu-

*Salas Harvard do Ibmec São Paulo: grupos de até 100 alunos para facilitar a interação nos estudos de caso*

do, que é preciso encontrar um ponto de equilíbrio entre o que seria adequado do ponto de vista pedagógico e o que é possível do ponto de vista prático e até mesmo ético - turmas com um número menor de estudantes elevam o custo por aluno, o que pode de certo modo ser interpretado como desperdício do dinheiro público, além de representar um limite no acesso ao ensino superior.

Na UFPR, em Curitiba, as turmas de Administração também extrapolam a quantidade considerada ideal pelos próprios dirigentes da instituição - entre 40 e 45 alunos. As salas de aula chegam a ter até 70 alunos, a exemplo do que acontecia na UnB. "Sempre damos um jeito de encaixar aquele estudante que está atrasado em uma ou outra disciplina, ainda que formalmente a turma já esteja lotada," descreve o coordenador Osmar Rocha. Para ele, as turmas grandes não chegam a prejudicar a qualidade do ensino, desde que o aluno tenha a iniciativa de procurar um complemento para o aprendizado em sala de aula, considerando o trabalho do professor apenas como um ponto de partida. Rocha ressalta, ainda, que o número alto de alunos na sala de aula não serve como desculpa para notas ruins e muito menos para que os professores "amoleçam" a avaliação. "A orientação aos professores é de que sejam exigentes. Se um aluno não tiver condições de ser aprovado, certamente não o será" garante o coordenador. Segundo ele, esta é a única maneira de a universidade manter o *status* de uma das melhores instituições superiores do Paraná.

### No circuito privado

Nas instituições particulares, o número de alunos por sala pode chegar aos três dígitos. Isso acontece, por exemplo, no Ibmecc São Paulo - mas apenas em circunstâncias especiais. "É um formato apropriado para a realização de estudos

**"COMO HOJE A MAIORIA DOS PROFESSORES NÃO SE PREOCUPA COM A PARTICIPAÇÃO DOS OUVINTES, APENAS MINISTRA A AULA, DÁ PARA COLOCAR ATÉ 3 MIL ESTUDANTES EM UMA SALA"**

CLÁUDIO MOURA DE CASTRO,  
economista e especialista em educação

de caso,' descreve o coordenador da Administração do Ibmecc, André Duarte. Outro cuidado fundamental é acomodar as turmas maiores em locais adequados para recebê-las. O Ibmecc utiliza espaços com infra-estrutura semelhante aos utilizados em Harvard, com anfiteatro e avançados recursos acústicos e de imagem.

Assim, nem todo estudante que passa por uma turma superpovoada considera a experiência ruim. É o caso de Gustavo Loschpe, economista especializado em educação que frequentou as renomadas universidades americanas de Wharton e Yale. "Cem alunos em uma sala de aula era algo comum, especialmente nos primeiros anos, e a qualidade da aula ministrada não tinha relação com esse fato" testemunha. Foi, a propósito, com base nas melhores instituições de ensino dos Estados Unidos e da Europa que o Ibmecc definiu seu padrão de número de alunos por sala - normalmente entre 60 e 75 alunos, ultrapassando esse patamar ou ficando aquém dele apenas em circunstâncias especiais.

O curso de Administração da ESPM/RS, de Porto Alegre, vai na contramão dessa tendência. Há apenas 26 alunos na turma matutina do quinto ano, e 37 na noturna. "Quando há muitos estudantes em sala, o que deveria ser uma aula passa a ser um seminário," diz o coordenador Antônio Marinho. Ele considera que o ambiente legítimo de "aula" se perde quando há mais de 55 estudantes na sala. "Para o aprendizado fluir, o professor precisa olhar no olho dos alunos, prestar atenção nas reações individuais, abrir espaço para dúvidas. Isso não se consegue diante de uma multidão"

acredita Marinho. Ele lembra, ainda, que salas superlotadas inibem a aproximação entre os colegas, justamente em um período marcante para o jovem, no qual - ao menos nas gerações passadas - se costumava fazer amigos para o resto da vida.

Nessa mesma linha, o professor José Marcelino Rezende Pinto, especialista em políticas educacionais da USP Ribeirão Preto, afirma que em uma turma com quase 100 alunos o processo de ensino se torna unidirecional e, portanto, frio. "A universidade tem o dever de provocar nos estudantes a reflexão, valorizar sua individualidade e levá-los a ter iniciativa. Quando o aluno é tratado apenas como um número e o professor não tem idéia do que se passa na cabeça dele, esses objetivos certamente não estão sendo alcançados" diz Rezende Pinto.

As críticas às turmas com muitos alunos são endossadas por Cláudio de Moura Castro, economista especializado em educação. "Se o professor quiser interatividade no processo ensino-aprendizagem, é importante que a turma seja pequena. Mas como hoje a maioria dos professores não se preocupa com a participação dos ouvintes, apenas ministra a aula, dá para colocar até 3 mil estudantes em uma sala" ironiza. A ESPM-RS, que trabalha com turmas relativamente pequenas, tem um argumento a mais em defesa dessa prática: a qualidade do ensino na sala se reflete diretamente na conquista de um emprego. Na instituição gaúcha, o índice de empregabilidade chega a atingir 95% do total dos estudantes que se formam em Administração. ■